2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 17. QUINTA FEIRA, 4 DE DEZEMBRO DE 1851. **11. ANNO.**

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

A BETARRABA.

Já se tem passado alguns annos depois que varias pessoas tem recommendado esta planta como um objecto que, pela sua grande importancia, muito convinha introduzir na lavoira portugueza.

Tambem alguns se tem passado desde que alguns curiosos tem tentado com mais ou menos felicidade obter productos satisfactorios daquella raiz: collocados, os que tem feito estas experiencias, em differentes terrenos e climas, ainda que não a muitas leguas de distancia uns dos outros, não tem alcançado resultados eguaes: uns tem esmorecido, outros animado a ponto de esperarem com o auxilio desta abençoada planta poderem estabelecer um bom afolhamento. Eu estou neste ultimo caso. Não apresentarei contas de cultura com todos os preceitos que exige uma contabilidade bem montada; limitar-me-hei a narrar simplesmente o processo que tenho seguido para a sementeira e mais trabalhos.

Não é só a obrigação que supponho termos nós os lavradores de communicarmos uns aos outros aquillo que a experiencia mostra ser-nos util, que me impelle agora a fazer esta publicação; mas porque assento que, nesta conjunctura, em que se está prevendo uma grande calamidade para os lavradores por falta de chuva, é rigorosa obrigação fallar de uma coisa que me persuado servirá de grande remedio para enxugar as lagrimas aos que *choram quando chove e quando não chove* — como bem disse e escreveu um amigo a quem muito respeito.

Se pelas mais partes de Portugal o anno vae começado tal qual se apresenta na Estremadura, não é de admirar, que os lavradores, principalmen e os pouco abastados, se aterrem vendo o estado dos seus ferrejos. Estamos no meado de Novembro e apenas haverá ferro e meio de enxada de terra repassada, e em chão valente ainda menos. Não se vê verdejar um unico nabal; os ferrejos da tarifa como centeios, cevadas, apenas estão sahindo da terra, e mais de metade ainda estará por semear. Se estes annos passados tem sido seccos, este vae ainda peor nesse sentido.

Um bom conselho que em todos os tempos deveria ser aproveitado, é n'um caso destes que pode ter mais influencia, por isso que será considerado como um remedio para conservar o equilibrio em que a nossa rotina se achava e que a natureza parece querer quebrar.

Já se vê que pertendo aconselhar aos lavradores que usem da betarraba como um supplemento de comida para o seu gado de trabalho: não vou tão longe que os aconselhe para que a façam entrar no geral da cultura, o que importava o mesmo que aconselhar uma revolução economica na nossa lavoira pela mudança de afolhamentos, necessidade de mais ou menos estabulação, e de alteração em todas as outras coisas que traz comsigo um systema novo, e desconhecido entre nós: systema em que eu entrei, de que espero tirar vantagens e do resultado do qual, em tempo competente, darei conta pela imprensa. Não é tanto que eu quero aconselhar: trato sómente de dar um remedio, como já disse, para estas oscillações do equilibrio rotineiro.

Estou persuadido que a maior parte das pessoas a quem esta leitura pode aproveitar, tem estudado alguma coisa sobre a agricultura: aos que o não tiverem feito não lhes faltarão livros em que esteja descripto e bem descripto tudo que diz respeito á betarraba; por isso limitar-me-hei a contar o que se tem passado em minha casa. Usarei nesta narração dos termos que empregam os lavradores do districto de Torres Vedras.

Ha quatro annos que comecei a cultura da betarraba e seja dito de passagem que devo esta preciosidade ao amigo a quem já alludi, amador apaixonado da agricultura, e que talvez venha um dia a ser reconhecido como um dos seus principaes regeneradores entre nós.

Tenho ensaiado todas as variedades; não fiz observações rigorosamente comparativas, mas pelo que se pode apreciar genericamente inclino-me a preferir as chamadas *globos*, e destas talvez as encarnadas, que parecem ser as menos sujeitas á lagarta, que este anno as atacou bastante, o que se poderá attribuir á falta de agua: pois consta do meu registo que desde o primeiro de abril nunca mais choveu até aos fins de outubro.

A rasão porque eu particularmente adoptarei os

globos é sobre tudo pela qualidade do meu terreno que em geral é muito mau, assentando sobre camadas d'argila mais ou menos impermeavel.

Tenho sempre mandado vir a semente de Inglaterra. Foi este o primeiro anno que reservei uma porção de pés para me fornecer a semente para o anno que vem. As informações de algumas pessoas, que tem cultivado esta planta e procurado reproduzil-a pelas sementes que obtiveram, não são satisfactorias; dizem que degeneram consideravelmente: pode isto attribuir-se não só ao clima, mas talvez com mais rasão á má escolha das plantas reservadas para a reproducção a que os francezes chamam *portieres*. Conto fazer experiencias a este respeito.

QUALIDADE DO TERRENO.

Tenho experimentado nesta cultura todas as qualidades de terreno: os que me parece não convirem absolutamente são os extremamente tenazes, principalmente os desprovidos de calcareo. Nos salgados de chão delgado, dão-se as beterrabas perfeitamente.

PREPARAÇÃO DO TERRENO.

Em quanto á preparação do terreno, não devem as pessoas que quizerem tentar esta cultura assustar-se com o apparato que disso tem feito alguns escriptores nossos querendo inculcar a propagação da beterraba. Tenho semeado e plantado em terrenos lavrados para differentes destinos, quer dizer com lavoiras mais ou menos fundas feitas com os arados ordinarios do paiz: em terrenos preparados com lavoiras de palmo, e palmo e meio de fundo, com as araveças d'aiveca fixa e sobre esta lavoira dando gradagem sobre gradagem, e fazendo talhar com as araveças da terra: tambem tenho plantado em terreno absolutamente preparado á enxada, isto é, surribados e mais preparos ordinarios neste caso. Por todos estes differentes modos, tenho obtido producções assás satisfactorias, de maneira que já daqui se conclue que para esta cultura não se exige extraordinaria preparação do terreno.

Em quanto á maneira de estrumar e semear tenho seguido pouco mais ou menos o methodo chamado inglez, que Valcourt descreve muito bem, e que se reduz ao seguinte. Depois do terreno estar gradado e muito bem esterroado, faço abrir regos com o arado ordinario segundo a direcção da derrega; o que se exprime no meu districto por *acambadulhar ou espigoar a terra*: os regos devem ter entre si a distancia de dois a tres palmos. Feito isto, mando carrear ficando o estrume em montes para não estragar a lavoira com o rodar das carretas, e pelo mesmo motivo faço espalhal-o com cestos pelos regos, na mesma quantidade regularmente, como para a batata.

Acabada a carrêa, abrem-se os cambadulhos ou cristas dos regos com o mesmo arado ordinario, de maneira que a terra fique com igual aparencia á que tinha antes de estrumada; mas com o estrume coberto e ficando os novos regos no logar dos cambadulhos. O lavrador que vira a terra para cima do estrume deve ter o cuidado que as duas leivas que formam o novo cambadulho não unam perfeitamente, a fim de se formar um pequeno rego no qual se fará a sementeira.

SEMENTEIRA.

A sementeira póde ser continua por todo o rego feita pouco mais ou menos como a do milho para ferrejo, ou tambem dispondo a semente de espaço a espaço. conforme a distancia a que se querem as raizes. O systema com que me tenho dado melhor é o da collocação das sementes de meio em meio palmo com pequena differença.

Em seguimento á pessoa que semeia vai outra cobrindo a semente com a enxada ou com as costas do ansinho quando o terreno é leve, não devendo a semente ficar enterrada a mais de dois a tres dedos de altura.

A época em que faço a minha sementeira é entre o mez de novembro e o principio de fevereiro; aconselharei sempre as proximidades do natal.

Como todos sabemos, as geadas são fortissimas em alguns sitios do nosso paiz; no meu clima são fracas por isso que estou sobre a costa, mas as pessoas que cultivarem em algumas localidades do Alemtejo, por exemplo, devem acautellar-se e em virtude disto atrazar ou adiantar a sementeira, isto é, escolher a melhor occasião entre novembro e fevereiro.

É nesta escolha da época da sementeira que deve haver muito cuidado não só em attenção ás geadas fortes de que acabámos de fazer menção; mas tambem a outras considerações que ha a fazer sobre a betarraba.

Cumpre-me declarar que a geada nunca matou a betarraba que tenho cultivado; posto que já, se bem me lembro, ha dois annos geasse forte no meado de janeiro; mas como me dizem que ha sitios aonde os rebentões dos mattos são destruidos por ella, já se vê o que aconteceria com as tenras, ainda que rusticas, folhinhas das betarrabas.

Uma coisa importante a que se deve attender na época da sementeira, é a seguinte: tenho notado, e não só eu, mas tambem outras pessoas, que as betarrabas semeadas ainda com o calor do outono, quero dizer nas aguas que vem pela vindima, tendem a espigar na primavera seguinte; isto é, a tornarem-se annuaes, tendencia que ellas sempre mostram mesmo quando são semeadas nas proximidades do natal, mas neste caso em tão pequena escala que de certo se não deve attender a isso.

É sabido que as betarrabas são bisannuaes; é esta a grande qualidade que as torna importantes porque o lavrador, que as semear este inverno, póde ter a certeza de que do S. João por diante até á primavera do anno seguinte tem sempre ás suas ordens uma excellente comida verde para dar ao seu gado.

TRATAMENTO DA PLANTA.

A maneira de tratar as betarrabas depois de nascidas é coisa muito facil. Quando deitam as segundas folhas necessitam que immediatamente se lhe acuda com o primeiro desbaste empregando os sachos da monda, e fazem-se então uns poucos de serviços, meche-se a terra, tiram-se as ervas más, e desbastam-se tirando os pés mais fracos e deixando os outros na distancia de tres quartos de palmo, se acaso a sementeira foi continua. Posto isto, nos fins de fevereiro, indo o tempo amoroso e de chuva, carecem de

segundo desbaste feito da mesma maneira, deixando já então as plantas na distancia definitiva, no caso de se não quererem aproveitar algumas para trasplantar como acontece muitas vezes ser conveniente e como eu tive a necessidade de praticar o anno passado por causa de um incidente de que logo fallarei. Neste caso deixam-se os pés que se devem trasplantar a meia distancia dos outros que ficam, e verifica-se a trasplantação quando a planta chega á grossura do dedo minimo.

As distancias entre planta e planta, entre rego e rego, variam muitissimo conforme os tamanhos a que se pertende que as raizes cheguem. Os auctores divergem muito no aconselhar das distancias: o que me tem parecido melhor, e o que adoptarei, são dois e meio a tres palmos entre os regos, e tres a tres e meio palmos de raiz a raiz; e não se julgue que esta distancia é grande, pelo contrario acho-a pequena nos terrenos aonde ellas prosperam.

As pessoas que pertenderem obter raizes muito volumosas devem separar mais as plantas no mesmo rego e nunca augmentar a distancia entre os regos, por que assim a terra fica estrumada igualmente, o que não aconteceria alargando muito os cambadulhos, e seria mesmo mais difficil cobrir o estrume ao abrir das leiras, porque em caso de grande distancia nisso se converteriam os espigões.

Quando nos fins de março todos estes trabalhos estão concluidos, arrasa-se finalmente o terreno não tendo receio de que a raiz fique alguma coisa fóra para o que ella naturalmente tende.

Em quanto á desfolha não a aconselho: era necessario que fosse feita muito cuidadosamente a fim de se não tirarem se não as folhas que tendem a murchar, o que me parece impossivel obter das pessoas que nisso se empregam geralmente. Alem disso a folha, no meu intender é um sustento fraquissimo, é uma pouca de agua como vulgarmente se diz.

COLHEITA.

Em quanto á colheita da betarraba, tenho-a sempre feito á proporção que ella me vai sendo necessaria, mandando-a recolher ás carradas e contando sempre com um deposito de oito dias alem dos quaes ella principia a engelhar e a não ser tanto do agrado do gado, talvez por ter perdido muito da parte aquosa. Algumas pessoas tem-me feito a obj cção a este meu methodo de ter o inconveniente de se não poder semear a terra aonde as betarrabas ficam como em deposito e que seria melhor guardal-as em casa. Esta reflexão é para mim pouco importante, porque no meu afolhamento segue-se á betarraba o milho cuja sementeira se faz em abril, época em que o apanho da betarraba tem já dado tempo para as lavouras de preparo.

Ainda não experimentei guardar grande quantidade de betarrabas em celleiro; por isso não posso dar opinião sobre o modo de as conservar: no entanto com a temperatura tão elevada do nosso clima, receio que se não possa sem inconveniente amontoar grandes massas desta planta para as conservar por muito tempo.

Um incidente que atraz apontei, e que me obrigou a uma trasplantação com que eu não contava foi o destroço que fizeram nuvens de calhandras que cairam sobre as betarrabas logo que appareceram as folhas seminaes: contra este mal que ataca a planta no principio do seu desenvolvimento se acautelarão os lavradores pelos meios ordinarios de espantar aves.

Sobre o artigo betarraba póde-se consultar com muito proveito o artigo de *Gasparin* no jornal d'agricultura pratica que se publica em França.

Casal da Barreira no concelho de Torres Vedras, 14 de novembro de 1851.

Emilio de Roure Auffdiener.

SEMENTEIRA DE PINHEIROS.

(Continuado de pag. 180.)

O terreno que se quizer destinar para a sementeira de pinhão, a fim de se obter bom pinhal manso, deve ser algum tanto melhor do que o terreno com que se contenta o pinheiro bravo, pois lhe convem terreno mais fresco, e de mais profundidade: com tudo o pinheiro manso da-se bem em charnecas arenosas, e nas faldas das serras. Em terrenos de arêa solta, como são os areaes da nossa costa do mar, e em terreno onde a rocha fica perto da flor da terra, não medra muito o pinheiro manso, e ficam estes pinheiros sempre muito baixos: porém dão madeira mais forte, e revessada. O pinheiro manso até prospera bem nas vargeas, que não estão expostas a inundações: e tenho visto grandes pinheiros mansos na proximidade de vertentes.

Temos entretanto muitos terrenos em Portugal que convem se appliquem para sementeira de pinhal manso; servindo o dicto pinhal mesmo para bosques e aformosear quintas e fazendas, visto que dão uma copa de ramos frondosos, e é mais agradavel á vista do que o pinheiro bravo.

Qualquer sementeira que se tenha feito de pinhal manso, deve em primeiro lugar segurar-se com os necessarios aceiros, para que se lhe não possa communicar fogo das charnecas adjacentes; observando-se a este respeito tudo que temos dito antecedentemente relativo aos pinhaes bravos: — e deve-se ter muito cuidado que nenhuma qualidade de gado paste nos pinhaes novos, pois que a estes ainda o gado causa mais damno do que aos pinhaes bravos. O crescimento dos pinheiros mansos é muito mais vagaroso do que o dos pinheiros bravos; e por isso não se lhes precisa bulir em quanto não tiverem dez, ou doze annos de edade, quando convem que se lhes decotem os ramos inferiores, a qual operação se deve repetir de seis em seis annos, até que tenham trinta de edade. Quanto ao desbaste começará este no mesmo tempo em que principiar a tirar-se-lhe o motano inferior, e se faz sempre dalli em diante, quando se repetir aquella operação.

A experiencia me tem mostrado, que o pinheiro manso precisa mais trato do que o pinheiro bravo; o qual vai adiante estando em pinhal junto, sem outro tratamento; ao mesmo tempo que o pinheiro manso cresce muito mais ao alto, quando se lhe faz o decote, como fica dito, e dá então melhor madeira. Devo entretanto mencionar que os ramos inferiores que se lhes tiram, devem ser cortados bem rentes do tronco principal. Como os pinheiros mansos encopam

mais em ramagem, nunca pódem os pinhaes desta especie ser conservados tão bastos como se deve praticar com os pinhaes bravos, com tudo a regra geral é, que os ramos de uns devem sempre tocar nos ramos dos visinhos.

(Concluir-se-ha.)

CATALOGO DOS PRODUCTOS PORTUGUEZES NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL EM LONDRES.

(Continuado de pag. 185).

1067 PRATO BRANCO COM FILETES PRETOS, DITA.
1068 PRATO PINTADO BISTRE, DITA.
1069 PRATO PINTADO BISTRE, DITA.
1070 PRATO PINTADO, PRETO GRANDE, FOGO, DITA.
1071 PRATO PINTADO AZUL GRANDE, FOGO, DITA.
1072 PRATO PINTADO AZUL GRANDE, FOGO, DITA.
1073 PRATO PINTADO AZUL, IMITANDO CANTON, DITA.
1074 MOLHEIRA E PRATO PINTADO BISTRE, DITA.
1075 CHICARA E PIRES, AZUL GRANDE FOGO, OURO PLATINA, DITA.
1076 CHICARA E PIRES, AZUL GRANDE FOGO, OURO PLATINA, DITA.
1077 CHICARA AZUL GRANDE FOGO, OURO, DITA.
1078 CHICARA AZUL TURQUEZA E OIRO, DITA.
1079 CHICARA DOURADA E FILETES AZUES DITA.
1080 CHICARA DOURADA DITA.
1081 CHICARA DOURADA E PINTADA COM FILETES, DITA
1082 CHICARA, OURO, AMARANTO E AZUL, DITA.
1083 CHICARA PINTADA, BISTRE E OURO, DITA.
1084 CHICARA VERDE E OURO, DITA.
1085 CHICARA DOURADA, DITA.
1086 CHICARA DOURADA E PINTADA DE FLORES, DITA.
1087 CHICARA DOURADA, DITA.
1088 DOZE CHICARAS VERDES OURO E FLORES, DITA.
1089 DOZE CHICARAS FILETES E FESTÕES AZUL GRANDE FOGO E OURO, DITA.
1090 DOZE CHICARAS BRANCAS, FILETE DE OURO, DITA.
1091 UM SERVIÇO DE CHA BRANCO E OURO DITA.

Contendo 20 peças, a saber: bule, cafeteira, assucareiro, leiteira, manteigueira, tijella, dois pratos, e doze chicaras e pires.

1092 UM SERVIÇO DE CHA, VERDE E OURO, DITA

Contendo 20 peças, como no antecedente.

1093 CHICARA PARA CALDO, COM TAMPA E PRATO PINTADO DE BISTRE E OURO, DITA.
1094 LAMPARINA PINTADA E DOURADA, COM BULE PARA AGUA, DITA.
1095 CHICARA PARA CALDO COM PIRES AZUL GRANDE FOGO, IMITANDO CANTON, DITA.
1096 DOZE MOLETAS PARA FEIXOS DE PORTAS, PINTURAS DIVERSAS, DITA.
1097 TERRINA DOURADA.
1098 PRATO COBERTO.
1099 SALVA DE PÉ.
1100 FRUCTEIRO DE PÉ.
1101 TRAVESSA COMPRIDA.
1102 TRAVESSA GRANDE PARA ASSADO.
1103 TRAVESSA GRANDE.
1104 TRAVESSA MENOR.
1105 PRATO SOPEIRO.
1106 PRATO CHATO.
1107 PRATO DE DESSERT, DITA.
1108 PRATO PARA QUEIJO, DITA.
1109 BOTIJA DE GRÉ, DITA.

Estes 66 productos de n.° 1044 a 1109, são expostos pelo fabricante, José Ferreira Pinto Bastos.

Aveiro.

A fabrica está situada na Vista Alegre.

1110 TALHA DE BARRO.

Alemtejo.

Serve para guardar vinho e azeite.

N. B. Fazem-se de 6 pipas e mais de capacidade.

1111 DUAS PANELLAS DE BARRO.

Avada, districto d'Aveiro.

Notaveis pela sua resistencia ao fogo, apesar da pouca espessura do barro.

1112 ESTEIRA BRANCA LAVRADA. — Expositor e fabricante, João Baptista de Sousa.

Lisboa.

1113 ESTEIRAS DE CORES. — Expositor e fabricante, João Baptista de Sousa.

1114 ESTEIRA BRANCA PEQUENA. — Expositor e fabricante, Ferreira.

Lisboa.

1115 ESTEIRAS DE CORES PEQUENAS. — Expositor e fabricante, Ferreira.

1116 COMMODA.
1117 GUARDA ROUPA.
1118 CAMA.

Estes 3 productos de n.° 1116 a 1118, são expostos pelo fabricante, Rafael Futcher.

Armazem de moveis em Lisboa.

Este movel n.° 1116, é feito todo de madeira do paiz.

1119 CADEIRA PARA INVALIDO.

Feita no Arsenal do Exercito.

Lisboa.

1120 TONEL (MODELO). — Expositor e fabricante, A. P. Rangel.

Lisboa.

N. B. Fazem-se de 30 pipas e mais de capacidade.

1121 SELIM. — Expositor e fabricante, José Valentim de Figueiredo.

Lisboa.

1122 SOLA. — Expositor e fabricante, Domingos da Cunha Fialho.

Lisboa.

1122 SOLA. — Expositor e fabricante, Manuel Ferreira Bretes.

Bis.

Lisboa.

1123 BEZERRO. — Expositor e fabricante, Domingos da Cunha Fialho.

Lisboa.

Vide n.° 1122.

1123 A. BEZERRO. — Expositor e fabricante, Manuel Baptista Monteiro Junior.

Lisboa.

1123 B. BEZERRO. — Expositor e fabricante, Francisco Tavares Barreto.

Lisboa.

1123 C. BEZERRO. — Expositor e fabricante, Christovão José Fernandes de Sousa.

Guimarães.

1123 D. BEZERRO. — Expositor e fabricante, José Gueifão Bello.
Mação, districto de Santarem.
1124 MARROQUIM ENCARNADO.
Lisboa.
1124 A. MARROQUIM ENCARNADO MAIOR.
Lisboa.
1124 B. MARROQUIM AZUL ESCURO OU ROXO.
Lisboa.
1125 CARNEIRA.
Lisboa.
1125 A. CARNEIRA. — Expositor e fabricante, Mannel Ferreira Bretes.
Torres Novas.
1125 B. ANTA AMARELLA.
Lisboa.
1125 C. PELICA BRANCA.
1126 PELLES DE CHIBATO. — Expositor e fabricante, José Gueifão Bello.
Mação, districto de Santarem.
Fabrica, vide n.º 1123 D.
1126 A. ODRE. — Expositor e fabricante, Cosme Augusto Fragata.
Santarem.
1126 B. BORRACHA. — Expositor e fabricante, Cosme Augusto Fragata.
Santarem.
1126 C. BALDE DE SOLA.
Feito no Arsenal de Marinha.
Lisboa.
1127 CHAPEO DE SOL DE SENHORA, COM HASTE DE PAU POLIDO, E SEDA DE COR COM BARRA. — Expositor e fabricante, Joaquim José dos Reis.
Fabrica em Lisboa, rua do Almada n.º 73.
1128 CHAPEO DE SOL DE SENHORA, DE SEDA RISCADA, COM HASTE DE PAU POLIDO.
1129 CHAPEO DE SEDA COM BARRA PARA SENHORA, COM HASTE DE PAU POLIDO.
1130 CHAPEO DE SOL PARA SENHORA, COM BARRA E HASTE DE PAU POLIDO (DE SEDA).
1131 CHAPEO DE SOL PARA SENHORA, DE SEDA COM BARRA E HASTE DE PAU POLIDO.
1132 CHAPEO DE SOL PARA SENHORA, DE SEDA COM BARRA E HASTE DE PAU POLIDO.
1133 CHAPEO DE SOL PARA SENHORA, DE SEDA COM BARRA E HASTE DE PAU POLIDO.
1134 CHAPEO DE SOL PARA SENHORA, DE SEDA COM BARRA, COM ARMAÇÃO DE AÇO, E A HASTE METADE DE MARFIM.
1135 CHAPEO DE SOL DE SENHORA, DE COR (SEDA) COM ARMAÇÃO DE AÇO E CABO DE MARFIM.
1136 CHAPEO DE SOL DE SENHORA, DE TAFETÁ COM HASTE DE PAU.
1137 CHAPEO DE SOL DE SENHORA, DE SEDA DE COR COM ARMAÇÃO DE AÇO E HASTE DE MARFIM.
1138 CHAPEO DE SOL DE SENHORA, DE SEDA PRETA COM HASTE DE FERRO E CABO DE MARFIM LAVRADO.
1139 CHAPEO DE SOL DE SENHORA, DE SEDA DE COR COM ARMAÇÃO DE AÇO E CABO DE MARFIM.
1140 CHAPEO DE SOL DE SENHORA, DE SEDA DE COR COM BARRA PROPRIO PARA CREANÇAS.
1141 CHAPEO DE SOL DE SEDA PRETA, COM ARMAÇÃO DE AÇO, PUNHO DE MARFIM, PROPRIO PARA CREANÇAS.
1142 CHAPEO DE SOL DE SEDA BRANCA, COM BARRA E HASTE DE PAU PROPRIO PARA CREANÇA.
1143 CHAPEO DE SOL DE SEDA BRANCA COM ARMAÇÃO DE VIRAR AO LADO, VARETAS DE AÇO, CABO DE MARFIM LAVRADO E FERRAGEM DE PRATA.

(Continúa.)

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XII.

FILIPPE EM TERRA D'AMIGOS.

(Continuado do n.º antecedente)

O commendador estremecia este mancebo, que tinha sido seu pupillo depois de perder o pai aos quinze annos, e a mãi poucas horas depois de nascer. De uma casa rica, do sangue fidalgo dos cavalheiros de provincia, Jeronymo Guerreiro fôra desde os doze annos educado por Lourenço Telles, devendo-lhe a variada instrucção, que possuia, e as delicadas maneiras, que o tornavam distincto. O velho erudito amava este pupillo, como filho, applaudindo muito por isso o seu amor por Theresa, á qual logo destinou uma parte na herança da sua avultada fortuna. A vocação de Jeronymo chamava-o para a carreira militar; e graças á intimidade do tutor com os homens politicos conseguiu merecido accesso. Tendo servido cinco annos na marinha real, desgostoso de viver ausente das pessoas que presava, passou para o exercito, na arma de cavallaria, e foi então que viu e conheceu a familia de Filippe da Gama. Na guerra da successão obteve o posto de capitão, com que el-rei o premiou de serviços relevantes.

Forte como Achilles, e astuto como Ulisses, tinha um corpo insensivel ás fadigas, e um espirito que se deleitava com os perigos, arrostando-os pelo gosto de os encontrar. No conflicto de uma carga de cavallaria, viam-no amigos e inimigos, risonho, sereno e invulneravel, abrir caminho até chegar ao ponto arriscado. Debaixo de um chuveiro de ballas ouviam-no citar friamente um verso, ou dizer um gracejo, com a placidez do academico na sua poltrona curul. O Marquez das Minas, o primeiro capitão desta guerra, só delle confiava emprezas temerarias. Os outros generaes respeitavam o seu valor, o seu talento, e o seu raro sangue frio.

É verdade que elle da sua parte tambem sa-

bia fazer-se respeitar. Um mestre de campo tractou grosseiramente a officialidade do seu regimento; devoraram todos a affronta em silencio; Jeronymo não disse nada, fez-se branco somente, e frisou as guias do bigode entre o indice e o polegar. Quem o conhecia previu um desforço. Depois de tudo concluido, o mestre de campo recolhia-se a Elvas, quando viu o nosso capitão correndo sobre elle com a velocidade do relampago. Chegando ao pé do official, já transido de medo, Jeronymo perfilou o cavallo com o delle; pegou-lhe na mão, e disse-lhe secamente, mas sem alteração de voz: « lembra-se do que disse? » O mestre de campo ia desculpar-se, porém não teve tempo, porque foi logo atalhado: — « Não responda, que posso ter vergonha de o ouvir. Receio que a sua espada seja mais curta do que a lingua. Estamos sós; trazemos espadas; é o que basta. » O pobre homem suava, tremia, e calava-se. « — Percebo! continuou o capitão. Ora bem! Podia matal-o, ou cortar-lhe a cara com este chicote; mas não quero. V. m. não vale uma carga de pistolla; e respeito a farda apesar de despresar o covarde que a veste. Fique entendendo, porém, que se tornar a descomedir-se, torço-lhe o pescoço, e viro-lho para as costas; ao menos uma vez na sua vida olhará de frente para o inimigo. Tome sentido! » Dito isto fitou-o e sacudiu-lhe o braço com tal doçura que uma semana esteve em tratamento.

Em quanto se deram estas explicações indispensaveis o commendador mandava preparar o quarto do capitão, sentava-o ao lado de Theresa, e fazia-lhe o prato, sentindo-se remoçado com a sua presença. Filippe já tinha obtido algumas informações, e olhava para o recem-chegado com tal curiosidade que Lourenço Telles julgou conveniente apresental-o ao seu pupillo para acautelar um relance, que a delicadeza do sobrinho tornava provavel.

— « Jeronymo, aqui está um defuncto ressuscitado! É meu sobrinho Filippe da Gama, que julgámos morto, em quanto elle comia lagartos e serpentes nos sertões da America. Vem acharnos mais felizes do que nos deixou. »

E' inutil acrescentar que Filippe recebeu do mancebo as devidas felicitações, dadas da abundancia do coração, como era natural da parte do amante para o pai da mulher, que adorava. Acabado este incidente tornou-se geral a conversação, e Lourenço Telles encetou o capitulo escabroso dos casamentos de inclinação, ponto que discutia todos os dias com seu sobrinho, para o trazer á observancia dos respeitos consagrados ao bello sexo. Apenas o antiquario expoz o assumpto, Theresa fez-se muito vermelha; Jeronymo sorriu para disfarçar o sobresalto; Magdalena suspirou; e Filippe tomou a palavra e principiou a refutação das ideas ultra-liberaes do velho sabio:

— « Com licença do tio — disse elle em voz alta — esses amoricos são asneiras. Um casamento é um casamento, e não me contem historias. Faz-se negocio ou não se faz. Eu tenho dez, a mulher traz vinte, serve-me, e caso. Magdalena que o diga; nunca lhe puz os olhos em cima senão oito dias antes de irmos á egreja. O mais é frioleira. Sei o que digo. »

O commendador estava em brasa. Tossia, escarrava, contorcia-se, e mostrava por todos os modos imaginaveis o seu enleio.

— « Então compara as mulheres a um fardo e troca-as a dinheiro? Casa-se por uma conta de sommar?! Que seja prendada ou tola; que ame ou aborreça o marido; que traga a discordia ou a paz ao seio da familia, isso não vale nada. O essencial, é que derreie quatro gallegos com os dobroens do dote? »

— « Tal e qual! Eu cá penso assim. Não me fallem de rolinhas ou de rouxinoes; pão pão, e queijo queijo; o mais é farelorio! »

— « Bem se vê que sahiu do sertão! » exclamou o erudito escandalisado.

— « É a minha birra, e acabou-se! Não engulo gato por lebre. Então que quer? Chega um bonecrito de alcorce e entra a suspirar diante de uma espevitada; fazem-se piegas; piscam os olhos; pizam-se, choramingam, e dizem aos pais que estão namorados e querem casar. Bello! Se fosse eu, pegava de um páu e curava-os logo; mas ha estomagos para tudo. A mãe, tão tola como elles, deixa-os ir ou encobre-os. O pae faz beicinho e cede. Casam e dahi? No fim de dois mezes foi-se o amor e fica a pobreza. Esgatanham-se e desquitam-se. Ora muito obrigado! Para cá vinham de berlinda. Meta-se alguem nisso! »

— « Filippe, bem diz o abbade, v. mercê é um selvagem! » gritou Lourenço Telles vermelho de raiva.

— « O abbade?! » — clamou o sobrinho, dardejando ao defensor dos reis caligraphos um olhar ferino — « Pois o abbade tem a confiança de me chamar selvagem? E então que çapo! Meu amigo feche a bocca, e não engula gato por lebre. Ensaboe e penteie os caensinhos da marqueza das

Minas, e deixe-se de meter o nariz na vida alheia, senão agouro-lhe que morre sem costellas. »

— « Sr. Filippe! » — bradou o apologista das barbas historicas — « não se exceda comigo! Estou cansado de aturar a sua brutalidade. »

— « Sim? Porque não nos deixa em paz? Quem lhe pega. Favoreça-nos com a sua ausencia? »

— « Filippe, disse o commendador, pondo-se em pé, côr de purpura, dê immediatamente uma satisfação ao sr. abbade Silva. E se elle lhe fizer a honra de a receber, sente-se e porte-se com decencia. Senão pegue no chapeu, e sáia. »

O capitão, olhando de revez, resmungou uma satisfação ao abbade, que a ouviu com a dignidade imaginavel. Esta noite cotou-se a noventa por cento acima do par o seu odio ao prescrutador das bexigas doidas. Lourenço Telles, mais sereno depois desta penitencia, suppoz a occasião opportuna para tirar uma conclusão positiva, e por isso proseguiu:

— « Sustento que o casamento de interesse é uma tyrannia; e Theresa, que o diga; se ella não amasse o noivo quasi desde creança; se elle não a adorasse, tambem, desde que a conhece, dariamos consentimento para a sua união, minha sobrinha e eu? De certo, não! Prezamos mais a felicidade de Theresa do que as maiores riquezas; e graças a Deus, o que temos, ainda chega para a dotar... Mas que tem v. mercê Filippe? Que olhos tão espantados! Estamos em familia; isto são coisas sabidas. »

— « O que tenho? » — exclamou Filippe esfregando a testa e muito corado. — « Tenho tudo. Pelo que vejo tracta-se de casar minha filha, e por muito favor dizem-me duas ou tres palavras. Vae bonito. Aposto que a idéa sahiu dos cascos daquella seresma? Aqui por força anda o abbade, e a sua mania casamenteira! Isto um dia acaba mal; eu deito-me a perder com este parasita. »

A allocução de Filippe e a sua apostrophe ao abbade Silva foram tão abruptas, que desataram todos a rir, menos a victima, que repetia a macia voz:

— « Não ha que vêr. O selvagem cada vez está peior! »

Acalmado o riso, o citado Filippe, de novo para se conter em termos habeis sob pena de exclusão, continuou o dialogo:

— « Posso saber quem é a joia, que o tio me encaixa para genro? »

— « Um cavalheiro de provincia dos mais illustres; uma pessoa a todos os respeitos capaz de fazer a felicidade de Theresa. Quando v. mercê andava pelos matos do Brazil a assar macacos, sua mulher e eu demos a nossa palavra, e ajustou-se o casamento. Cuidei que estava informado. »

— « Não estou, não sr.! » — Deixa estar doudinha que tu as pagáras! disse depois olhando para Magdalena cheio de cholera. — « Sabes desta embrulhada, e não me dizes nada?! Fazes de teu marido um páu mandado! Eu te ensinarei. »

— « Filippe! » — acudiu Lourenço Telles indignado. — « Isso não são termos de fallar a uma senhora; nem de fallar a ninguem. Não me obrigue a dar algum passo que lhe seja muito sensivel. Se não sabia, sabe-o agora. Bem vê, Theresa não podia casar sem licença de seu pae. »

— « Agradeço-lh'o muito. Até ahi chego eu sem ir a Coimbra. Tanto não sabia de nada, que vem cá amanhã um antigo amigo para lhe mostrar Theresa, e no caso de lhe servir leval-a, se o tio não mandar o contrario. »

— « O que é mais que provavel! — Que idade tem o seu *antigo* amigo? »

— « Sessenta e oito annos. Homem maduro, pé de boi, cá dos meus, emfim. »

— « Famoso! Maduro que nem uma sorva, não? E a figura? »

— « Sofrivel! Para dizer a verdade, um pouco peior do que eu, mas é que eu... »

— « Entendo! E genio? »

— « O genio, tio, o genio... é fuscosito; não o nego. Homem do mar costumado a cingir com um cabo o mais pintado; mas olhe, fóra dos repentes é um cordeiro. Se a ultima mulher, que teve... »

— « Ah, já é viuvo? »

— « Tres vezes! e o maldicto é capaz de enviuvar quarta. »

— « Isso é consolador! »

— « Então o que fez elle á ultima mulher? »

— « Quasi nada, tio. Deu-lhe o seu ensino. Era atrevida de lingua, e Bernardo em estando quente (é o seu defeito! todos temos por onde perder) não soffre graças. A verdade é que lhe quebrou os braços, e abriu a cabeça umas poucas de vezes; assim mesmo morria por elle! »

— « Sim? — gritou o velho erudito que se contivera a custo. — Pois, sr. Filippe, se esse gallego tiver a lembrança de entrar, só que seja entrar nesta casa, conte que sahe pela janella a pontapés dos meus lacaios. Um bebado! Um bruto! Um marujo! V. mercê é idiota, é incapaz de estar diante de gente. »

— « Tio, tudo isso assim será, mas pergunto; quem é o pai de Theresa?

— V. mercê não é nada! Quero dizer, está doido. Não se arrisque a desobedecer-me trazendo aqui similhante compendio de vicios! Que os meus olhos o não vejam por seu bem e delle. Lembro-lhe que ha torres em Portugal, e que tenho amigos. Agora, se deseja conhecer o noivo de Theresa, levante a vista, e compare, (se não tem vergonha de o fazer) o alarve de que fallou, ao meu pupillo Jeronymo Guerreiro. Dê graças a Deus! O amor que elle tem a sua filha ha de decidil-o, apezar do que ouve, a ligar-se com um sogro como V. mercê. »

Os circumstantes estavam corridos da scena, que presenceavam. Magdalena, chorosa, soluçava; Theresa olhava para Jeronymo com ar supplicante; Cecilia, vermelha, como uma rosa, padecia por sua mãe e por sua irmã, ao mesmo tempo. O pupillo do commendador encolhia os hombros, frisava o bigode com os dedos, e animava Theresa com os olhos. O abbade, com o rosto embutido em paches, e as côres da ira accesas nas faces, encostava a barba á palma da mão, com silenciosa dignidade. Fr. João, convulso e envergonhado, amiudava por baixo da meza os pontapés nas canellas de Filippe, para o advertir da sua incongruencia, e recebia em paga uma blasphemia ou uma interjeição fatal. Finalmente, Jeronymo Guerreiro levantou-se, e chegando-se a Filippe, disse-lhe com respeito e delicadeza:

— « O sr. Filippe póde estar certo de que sou incapaz de receber a mão de Theresa contra vontade de seu pae. »

— « Sim? Estimo. Mas não tenha cuidado; até ao levantar dos cestos é a vindima. »

— « Não gaste cêra com ruins defuntos, Jeronymo. » — acudiu Lourenço Telles.

— « Posso saber que defeitos devo corrigir para merecer a sua bondade? »

— « Póde, sim senhor. Mas antes, faz favor, responde-me a uma coisa? »

— « Com todo o gosto. »

— « Esteve fóra do reino? »

— « Cinco annos. »

— « Bom. Viu lá tractar algum pae como eu sou tractado? Agora quer que lhe diga a verdade? O que eu desejo para Theresa é um marido, que não caia do bote com o balanço da maré; e não enfie de medo vendo um jacareu empalhado. Quero um marido homem, e não um marido piegas, enjoado, e todo sopinhas de mel. Percebe? Isto não tem replica. O senhor é um militar de agua doce, e não me convém. Adeus meu amigo, tenho dito. »

— « Jeronymo deixe esse urso! — gritou o commendador com a ira a fuzilar nos olhos; porém o mancebo fez que não percebia, e sem se desarmar da paciencia, com que ouvira tudo, continuou:

— « Engana-se. Antes desta farda vesti a da marinha real. Não sei se as ondas da bahia de Biscaia, e do golpho Persico são doces; ou as aguas de Gôa, de Malaca, e da America, são serenas: diga-o quem as navegou. O que sei é que vi fuzilar os raios no Cabo da Boa Esperança, e ouvi rugir o pampeiro nas costas do Brasil. Creio que isto chega para não enfiar no mar. »

— « Falla serio? É dos meus? »

— « Muito serio. »

— « Bem! Porque não dizia isso, homem? Toque! O que fazia nesses assados, aqui para nós, da pelle do demonio? »

— « Quaes assados? »

— « Os pampeiros! »

— « Ah! Pouco mais ou menos, o que fiz em Malaca, em um dia de tormenta. Lembra-se da nau *Conceição do Téjo?* »

— « Pois não lembro! Bonita quilha, por signal! Tanto me lembro, que se ella não viesse a Malaca estava agora na barriga de algum tubarão. Foi sabbado, dia de S. Bartholomeu, não me esquece nunca. Sahi do porto na minha lancha, com a manhã de rosas, e o mar de leite. Sobre o meio dia carregou o tempo, e levantou-se o vento: — aquelle excomungado ventinho que sabe; que é um cavallo á desfilada. Bom! estamos servidos. Amaina-se a vella; vamos a remos; qual! Pah, pah! Era cada pancada no costado, que gemia a lancha. Safa! Em fim, para encurtarmos rasões, uma onda como uma montanha desaba, apanha a casca de noz atravessada, e vira-ma de tampos para o ar. Não sei como, achei-me acavallo no mastro e agarrei-me. Digo-lhe que nunca bebi tanta agua em minha vida, puph! O caso é que estava a vinte braças do porto; via os amigos fallando muito, mas sem bolirem pé nem mão, e eu a afogar-me por triz. Que amaldiçoada canalha é aquella gente baça! De repente um escalersinho sahe pela popa da nau, e boleu daqui, boleu dacolá, prôa abaixo, prôa acima, vejo-o vencer-me a corrente, cortar o tufão, e chegar-se ao pé de mim. Nunca o perdi da

idéa! Trazia só um rapaz de dezoito annos; a chuva escorria-lhe da cabeça até aos pés. Vinha amarrado pela cintura; e remava como quatro bons malaios ás vezes não remam. Mesmo já ao pé de mim bate uma rajada, e uma onda, que metteu o escaler quasi debaixo de agua. . . . Estamos gualdidos, disse eu! Qual! O escaler vira com uma força tal, e uma rapidez, que a segunda onda não o apanhou já atravessado. Depois o rapaz deitou-me um cabo, eu segui-o, e d'ahi a nada. achei-me dentro. No meio do perigo, com a morte diante de si a cada instante, juro-lhe que a creança estava socegada como se passeasse por sua casa. Hei de lembrar-me sempre do sorriso, com que me disse: « Chegue-se um pouco; o melhor da festa ainda não passou! » Com effeito disseram-me depois, que tinha sido o diabo! »

— « Disseram-lhe? Pois não ia dentro? » — interrompeu o velho erudito, que se agasalhava com a sensação egoista, que dá o conchego, quando sentimos assobiar o vento e cahir a chuva, achando-nos ao pé de um bom fogão.

— « Disseram, sim senhor: porque um homem não é de ferro; e não sei como, ao entrar para o escaler apanhei uma brecha na cabeça, que me esvaiu em sangue. O caso é que perdi logo os sentidos, e quando tornei a mim estava na cama, e a salvo de todo o perigo. »

— « E nunca soube quem era o rapaz? »

— « Nunca! Na madrugada do dia seguinte, sahiu a nau, e por mais que perguntei, nem rasto do meu tritão. Dava mil dobrões a quem me desse noticia delle. Ia á India outra vez, olé se hia. »

— « Não é preciso, sr. Filippe » — atalhou Jeronymo sorrindo. Depois levando as mãos aos cabellos, espalhou-os pelo pescoço, deu ao rosto uma expressão risonha e audaz, e carregando os olhos de luz, atirou com um gesto de summa ousadia a cabeça para traz, dizendo em voz firme, porém juvenil: « Capitão, nestes mares, os homens trazem a vida a juros, e um descuido custa caro. Bebe um copo de agua ardente de caju? »

— « É elle, é elle! » — gritou Filippe abraçando e beijando o mancebo. » — São as palavras que me disse. É a sua figura, o seu modo, a sua voz. Magdalena, filhas, ajoelhem! Aqui está quem salvou seu pae. »

— « Socegue, capitão. Não me envergonhe. Isso não vale nada. »

— « É um heroe! Devo-lhe a vida! » — clamava Filippe.

— « Deve-a a Deus. Sabe o que lhe peço? Para outra vez tenha mais charidade comnosco, com os soldados de agua doce. Conheço mil, mais destemidos do que eu no mar. »

— « Essa é que eu não creio! Pois sr. Jeronymo, coração nas mãos, veja o que manda, porque tudo o que tenho é seu. Sem ceremonia; Gosta de Theresa e ella do sr. Jeronymo? Casem, quando quizerem; dêmos que ella não queria, era o mesmo, casava com anginhos nos dedos. Quer Cecilia? Prompto! Quer ambas, faço-me turco, e dou-lhas. É claro como agua. Salvou-me a vida. Eu cá penso assim. »

Jeronymo sorria-se e respondia a Filippe com abraços. Lourenço Telles esfregava as mãos de prazer; e as meninas choravam de alegria.

— « Ah, Jeronymo! » — disse o velho erudito — « os rapazes de agora sabem mais do que os velhos. Conheceu Filippe, e calou-se. Queria esperar a occasião, e confundir esta Ephigenia masculina, dando-lhe o Orestes, que chorava? »

— « Cartas na meza, jogo liso! — respondeu o mancebo. Ao principio não conheci o sr. Filippe. Depois de o vêr e ouvir um pedaço é que me affirmei nelle. Estimo infinito, que um acaso feliz me proporcionasse a occasião de. . . . prestar ao pae de Theresa um serviço insignificante. »

— « E sem saber ainda que o era! »

— « De certo » — accudiu Filippe. — « Eu casei no Porto, e de lá parti para a India. Tres annos depois deram-me por morto. Minha mulher veio para casa do tio. . . . »

— « Seis mezes depois da sua partida. É evidente; nesse tempo nem Jeronymo conhecia ainda Theresa. Embarcou tambem um mez antes della vir para Lisboa. Mas, diga, sobrinho, que tal acha seu genro? »

— « Optimo, tio. Ouve; se ámanhã vier? . . »

— « O elephante do seu amigo? . . . . »

— « Justo! Domingos que o sacuda. Oh, tio quando hão de elles casar? «

— « Se Theresa me fizer as vontades; se roubar ao seu noivo dois beijos para dar ao avosinho, em fim se não pedir muito. . . . . Casam daqui a oito dias. »

— « Theresa, falle, dê os beijos, peça ao avô! » — gritou Filippe.

— « Peço eu; ella dá-me procuração. . . . » — disse Jeronymo sorrindo.

— « De vagar com os dois beijos! Para esses não admitto procuração » — acudiu o velho cheio de jubilo.

— « Posso agora dizer duas palavras a Theresa, e dar uma lembrança a Cecilia? »

— « Já lhe disse: o que é meu, é seu. O que quizer. Sei o que faço » — respondeu Filippe sepultando as mãos no enorme bolço da casaca.

Jeronymo disse duas palavras á sua noiva, que entrou logo com a irman para a saleta immediata; em quanto o mancebo ia de volta buscar o presente que trazia á menina bonita do commendador. — Apenas elles desappareceram, Filippe, saltando aos beijos em sua mulher, com grande escandalo do abbade, e muitas risadas de Lourenço Telles, exclamava:

— « Tens mais juiso nas solas dos pés do que eu em toda a cabeça, Magdalena. O rapaz é uma perola. Mas ha de levar um dote... de arrombar o costado aos invejosos. Tu verás! Hei de dar que fallar em Lisboa! »

— « Pelo amor de Deus, sobrinho » — atalhou o commendador, tenho medo do seu genio. É capaz de me deixar sem uma cadeira, se lhe dá para fazer bulha! »

Todos se riram; e Lourenço Telles, retirando-se de parte com Filippe e Magdalena começou a tractar com elles das condições do casamento.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

ROMA E SEUS ARRABALDES.

(Carta de M. de Chateaubriand.)

(Continuado de pag. 190.)

Não deixei Tivoli, sem visitar a casa do poeta, que acabei de citar; estava em face da *villa* de Mecenas. Era alli, que elle offerecia *floribus, et vino genium memorem brevis ævi.* [1] A ermida não podia ser grande, porque está situada mesmo sobre o cume da collina; mas bem se conhece quão abrigado se devia estar neste lugar, e que tudo ahi era commodo, ainda que pequeno. Do pomar, que estava diante da casa, abrangia a vista um paiz immenso, verdadeiro retiro do poeta, a quem pouco basta, e *que goza de tudo o que não é seu. Spatio brevi spem longam recesses.* [2]

Em conclusão é muito facil ser filosofo como Horacio; elle tinha uma casa em Roma, duas *villas* no campo, uma em Utica, e outra em Tivoli. Bebia d um certo vinho do consulado de Tullus com seus amigos, *os seus aparadores estavam cobertos de prata;* elle dizia familiarmente ao primeiro ministro do senhor do mundo: *Eu não sinto as necessidades da pobreza; se quizesse alguma coisa mais, Mecenas, tu não m'o recusarias.* Com isto póde cantar-se *Lalage*, coroar-se de *lyrios, que vivem pouco, fallar da morte, bebendo o falerno, e entregar as aflicções ao vento.*

Observo que Horacio, Virgilio, Tibullo, e Tito Livio morreram todos antes de Augusto, que teve nisto a sorte de Luiz XIV: o nosso grande principe sobreviveu um pouco ao seculo, e foi o ultimo a deitar-se no tumulo, como para assegurar-se de que nada restava depois delle.

Ser-vos-ha sem duvida muito indifferente saber, que está situada a casa de Catullo em Tivoli, acima da de Horacio, e que serve agora de habitação a alguns religiosos christãos; mas achareis talvez bem notavel que o Ariosto viesse compor suas *fabulas comicas* no mesmo lugar, em que Horacio gracejou de todas as coisas da vida. Pergunta-se com sorpreza, como é que o cantor de Rolando, retirado a casa do cardeal de Est em Tivoli, consagrou suas *divinas* loucuras á França, e á França meio barbara, entretanto que tinha debaixo dos olhos os severos monumentos, e as graves lembranças do povo o mais serio, e o mais civilisado da terra. De resto a *villa* de Est é a unica *villa* moderna, que me tem interessado no meio das ruinas das *villas* de tantos imperadores, e consules. Esta illustre casa de Ferrara tem tido a felicidade, pouco commum, de ter sido cantada pelos dois maiores poetas do seu tempo, e os dois mais bellos genios da Italia moderna:

« Piacciavi, generosa Ercolea prole,
« Ornamento, e splendor del seccol nostro,
« Ippolito, etc. »

É o brado de um homem feliz, que agradece á casa poderosa, cujos favores recolhe, e da qual elle mesmo é as delicias. O Tasso mais tocante faz ouvir na sua invocação os accentos da gratidão de um grande homem infeliz:

« Tu magnanimo Alfonso, il qual ritogli, etc. »

É usar nobremente do poder, servir-se delle para proteger os talentos desterrados. Ariosto e Ippolito d'Este deixaram nos valles de Tivoli uma lembrança, que não cede em encanto á de Horacio, e de Mecenas. Mas que é feito dos protectores e protegidos? Neste mesmo momento, em que escrevo, a casa d'Este acaba de extinguir-se, e a sua *villa* cáe em ruinas, como a do ministro d'Augusto; é a historia de todas as coisas e de todos os homens.

« Linquenda tellus, et domus, et placens
« Uxor. [3] »

HOR.

Passei quasi todo um dia nesta magnifica *villa*. Não podia cansar-me de admirar a vasta perspectiva, que se desfructa do alto dos seus eirados; aos meus pés estendiam-se os jardins com seus platanos, e cypres-tes: depois dos jardins vem os restos da casa de Me-

[1] Flores e vinho ao genio, que nos recorda a brevidade da vida.

[2] « Encerra em estreito espaço longas esperanças. »
Hor.

[3] Será mister deixar a terra, a casa, a esposa adorada.

cenas, situada á orla do Anio; [4] do outro lado do rio, sobre a collina em frente, está um bosque de velhas oliveiras, onde se acham os restos da *villa* de Varus; [5] um pouco mais longe á esquerda, na planicie se elevam os tres montes, *Monticelli*, *S. Francesco*, e *St.° Angelo*; e entre as cumiadas destes tres montes visinhos apparece o cume longinquo, e azulado do antigo *Soracte*; no horisonte, e na extremidade do campo de Roma, descrevendo um circulo pelo poente e meio dia, descobrem-se as alturas do *Mbnte-Fiascone*, *Roma*, *Civita-Vecchia*, *Ostia*, o mar, *Frascati*, sobrepujado pelos pinheiros de Tusculum; em fim tornando a procurar Tivoli para o levante, a circumferencia inteira desta immensa perspectiva se termina no monte Ripoli, outr'ora occupado pelas casas de Brutus, e Atticus, e ao pé do qual se acha a *Villa Adriana*.

No meio deste quadro o Teverone desce rapidamente para o Tibre, e a vista póde seguir-lhe o curso até o ponto, em que se eleva o mausoleo da familia *Plotia*, edificado em fórma de torre. A estrada real de Roma se desenrola tambem pelo campo; era a antiga *via Tiburtina*, outr'ora orlada de sepulchros, e ao longo da qual palheiros de feno, elevados em pyramides, imitam ainda tumulos.

Seria difficil achar no resto do mundo uma vista mais propria para fazer nascer poderosas reflexões. Eu não fallo de Roma, cujos zimborios se descobrem e que só diz tudo; fallo sómente dos lugares, e dos monumentos encerrados nesta vasta extensão. Eis alli a casa, em que Mecenas, saciado dos bens da terra, morreu d'uma doença de debilidade. Varus deixou esta bella collina para ir derramar o seu sangue nos pantanos da Germania; e Cassius e Brutus abandonaram esses retiros para desordenar a patria. Debaixo destes altos pinheiros de Frascati Cicero dictava as suas Tusculanas; Adriano fez correr um novo Penêo ao pé desta collina, e transportou para estes lugares os nomes, os encantos, e as lembranças do valle de Tempe. Junto desta fonte da Solfatara a rainha de Palmira acabou seus dias na obscuridade, e a sua cidade d'um momento desappareceu no deserto; foi aqui que o rei Latino consultou o deus Fauno no Bosque d'Albuneo; era aqui que Hercules tinha o seu templo, e que a Sibilla Tiburtina dictava os seus oraculos; alli são as montanhas dos velhos Sabinos, as planicies do antigo Latium, terra de Saturno, e de Rhea, berço da edade d'oiro, cantada por todos os poetas; risonhas collinas de Tibur, e de Lucretila, cujas graças só o genio francez tem podido traçar, e que esperavam o pincel de Poussin, e de Claudio Lorrain.

Desci da *Villa d'Este* pelas tres horas da tarde; passei o *Teverone* pela ponte de Lupus, para entrar em Tivoli pela porta Sabina. Atravessando o bosque das velhas oliveiras, de que acabei de fallar-vos, descobri uma pequena capella branca, dedicada á *Madona Quintilanêa*, e edificada sobre as ruinas da *villa* de Varus. Era domingo; a porta desta capella estava aberta, entrei; vi tres pequenos altares dispostos em forma de cruz; sobre o do meio se elevava um grande crucifixo de prata, diante do qual ardia uma alampada suspensa na abobada. Um só homem, que tinha semblante de muito infeliz, estava prostrado junto de um banco; orava com tanto fervor, que nem levantou para mim os olhos ao ruido de meus passos. Senti o que mil vezes tenho experimentado, entrando em uma egreja, isto é, um certo *apaziguamento* das perturbações do coração (para fallar como as nossas velhas Biblias), e um não sei que de desgosto da terra. Ajoelhei-me a alguma distancia deste homem, e inspirado pelo logar não pude deixar de pronunciar esta oração: « Deus do viajante, que « quizestes, que o peregrino vos adorasse neste hu- « milde asylo, edificado sobre as ruinas do palacio « de um grande da terra; mãe de dôr, que tendes « estabelecido o vosso culto de misericordia na er- « mida deste romano infeliz, morto longe do seu « paiz nos bosques da Germania; não estamos aqui « senão dois fieis prostrados ao pé do vosso altar so- « litario. Concedei a este desconhecido, que parece « tão profundamente humilhado diante de vossas gran- « dezas, tudo o que vos pede; fazei, que as orações « deste homem sirvam tambem a curar as minhas « enfermidades, para que estes dois christãos, que « são desconhecidos um do outro, e não se encontra- « ram senão um instante na vida, e que vão apar- « tar-se para não se tornar mais a vêr neste mundo, « fiquem attonitos, encontrando-se ao pé do vosso « throno, de se deverem mutuamente uma parte da « sua felicidade, pelos milagres da charidade!... »

Quando olho, meu caro amigo, para todas as folhas espalhadas sobre a minha mesa, fico espantado de minha enorme farragem, e duvido de vo-la mandar. Entretanto conheço, que nada vos tenho dito; que me tem esquecido mil coisas, que vos deveria dizer. Como, por exemplo: não vos fallei de Tusculum, deste Cicero, que, segundo Seneca, « foi o unico genio, que o povo romano teve egual ao seu imperio! » *Illud ingenium, quod solum populus romanus par imperio suo habuit.*

A minha viagem a Napoles, a minha descida ao boqueirão do Vesuvio, [6] as minhas digressões a Pompeia, Cápua, Caserta, Solfatara, ao lago do Averno, á gruta da Sibylla, teriam podido interessar-vos, etc. Baias, onde se passaram tantas scenas memoraveis, só por si mereceria um volume. Parece-me vêr ainda a torre de Baula, onde estava situada a casa de Agrippina, e onde ella disse esta palavra sublime aos assassinos enviados por seu filho: « *Ventrem feri.* [7]

[4] Hoje o *Teverone*.

[5] Varo, que foi morto com as legiões na Germania.

[6] A descida ao boqueirão do Vesuvio nenhum perigo tem: é só incommoda pelo cançaço. Seria mister ter a desgraça de ser ahi surprehendido por uma erupção, e neste mesmo caso, a não ser arrebatado pela explosão da materia, a experiencia tem provado que é possivel escapar sobre a lava: como ella corre com summo vagar, a sua superficie se resfria bem depressa de modo, que se póde passar por ella rapidamente. Eu desci até uma das tres pequenas boccas, formadas no meio da grande pela ultima erupção em 1797. Os fumos do lado da torre de l'Annunziata eram bastante fortes; fiz muitas tentativas inuteis para chegar a uma luz, que se via sobre o flanco opposto, da parte de Caserta: em alguns sitios a cinza queimava a duas polegadas de profundidade abaixo da superficie.

[7] Tacito. Ann. xiv, 8.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Theatro de S. Carlos. — Assistimos á representação da opera *I Masnadieri*, que subiu novamente á scena na noite de domingo passado, tendo sido dada pela primeira vez neste theatro em o anno de 1849.

Esta opera do insigne *Maestro* Verdi, é de um genero diverso das outras suas composições, e se não pertence ao numero das que lhe tem grangeado maiores applausos, é comtudo uma producção de tão subido merito, cheia de tão bellas e bem combinadas harmonias, e escripta com tanta sciencia, que é considerada como uma obra classica musical, e muito apreciada pelos entendedores.

O seu desempenho foi confiado á Sr.ª Arrigotti, e e aos Srs. Musich, Mancusi, Goré e Celestino.

A Sr.ª Arrigotti distingue-se particularmente na sua *aria*, que sendo uma peça de bastante difficuldade, é por ella cantada com muita delicadeza, agilidade, e uma perfeita intonação.

No *duetto* com o tenor, no 3.º acto, tambem vae muito bem, especialmente na *cabaletta*, em que a Sr.ª Arrigotti desenvolve muita energia e vivacidade no canto, sendo bem acompanhada pelo Sr. Musich, que se torna egualmente credor dos maiores elogios. Este artista sobresahe no final do 3.º e do 4.º acto, que são duas das melhores peças do *spartito*, ricas de instrumentação, e de bellos pensamentos musicaes, em que se revela o genio admiravel do seu auctor.

O Sr. Mancusi mostra comprehender não só o pensamento do *maestro* como do poeta. O seu canto é animado e expressivo; é pena que a sua voz tenha algumas notas desagradaveis, que neutralisam de algum modo os dotes artisticos que este baritono possue.

O duetto de *Francisco* e *Moser* no 4.º acto tem excellentes inspirações dramaticas e musicaes. Quando o homem libertino, o irmão desnaturado, o parricida, atormentado pelos remorsos que lhe roem a alma, e movido por um estranho impulso do coração, cahe prostrado aos pés do pastor, e invoca pela primeira vez o nome de Deus, a situação dramatica é sublime, a musica inspirada. Aquellas palavras:

« — É la prima!... Odimi, Eterno!...
E sara la volta estrema,
Ch'io ti prego...»

são pronunciadas pelo sr. Mancusi com verdadeira intelligencia artistica.

O sr. Goré que representa o velho *Maximiliano* vem devidamente caracterisado, e canta com muita propriedade e esmero, deixando-nos apreciar cada vez mais a sua bella voz, pura, e melodiosa.

Os coros formam uma parte principal desta opera, e são todos dignos de attenção, particularmente o dos *masnadieri*, no 3.º acto, que precede o recitativo de *Carlos*.

Apesar do seu merecimento, este *spartito* tem agradado pouco no nosso theatro, não só nesta occasião como na primeira vez que se representou.

A producção coreographica do sr. Cappon, *A filha dos flôres* continúa a ser bem recebida pelo publico, proporcionando sempre um bello triumpho á sr.ª Monticelli, pelo seu grande merecimento artistico.

O nosso publico tem feito justiça a esta distincta artista, acolhendo-a sempre com applausos geraes e repetidos, principalmente no *passo a dois* com o sr. Cappon que é realmente dos melhores que temos presenceado.

Consta-nos que se está ensaiando a opera *Sapho*, de Pacini, que subirá novamente á scena, sendo a protagonista a sr.ª Sannazari.

ALMANAK
DA
REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE,
PARA 1852.

Um vol. de 8.º, em bom papel, typo legivel, contendo o que se póde chamar uma edição nitida neste genero de publicações. Conterá o Calendario e todos os seus accessorios essenciaes; e sendo inteiramente redigido pelo plano do antecedente, enriquecido com artigos novos, curiosos, e uteis.

Estará á venda terça feira 9 do corrente. — Preço: Para os assignantes da REVISTA 80 rs., Avulso 100 rs.